

ESTUDANTES DA CIDADE DA BAHIA: AÇÃO, REAÇÃO E REVOLUÇÃO FRENTE AO GOVERNO VARGAS (1930-1935)

Ede Ricardo de Assis Soares¹

Resumo: O presente trabalho recupera ações políticas de jovens estudantes baianos, atuantes na cidade de Salvador, entre os anos de 1930 e 1935. Neste artigo analisaremos a sociabilidade, a atuação estudantil, suas posições durante o governo provisório chefiado por Getúlio Vargas e o enfrentamento ao interventor federal na Bahia, Juracy Magalhães.

Palavras-chave: Movimento Estudantil; Getúlio Vargas; Revolução de 1930; Bahia.

Abstract: In this article we analyze the sociability, the students political performance, their positions during the provisional government headed by Getúlio Vargas and the confrontation with the intervener federal government in Bahia, Juracy Magalhães, between 1930 and 1935.

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, PPGH-UFBA. É Membro do GEPEA e dos grupos de estudos “História, Literatura e Memória” (UNEB, Campus II), e “História dos Partidos e Movimentos de Esquerda no Brasil” (FFCH-UFBA). *E-mail:* <ede.soares@gmail.com>. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

Keywords: Student Movement; Getúlio Vargas; Revolution of 1930; Bahia.

Introdução

A “Revolução de 1930” causou impacto nas estruturas sociais e políticas do país, revolvendo a organização e a gerência do poder dentro da esfera estatal em seus vários níveis e subníveis. O movimento que acabou levando Getúlio Vargas à chefia do então governo provisório teve consequências diretas nos estados, municípios e distritos brasileiros.

O tenente Juracy Magalhães foi nomeado Interventor Federal na Bahia em 1931, por Getúlio Vargas, após o insucesso de dois interventores. Nomeação que desagradou as elites políticas locais e acabou sendo o principal vetor para a reunião de velhos adversários políticos e de jovens aspirantes à política baiana na oposição a Getúlio Vargas e ao seu representante imediato na Bahia. Parte desses jovens viu a vitória da “Revolução” com indignação, visto que ela desalojou seus líderes políticos do poder, trazendo a incomoda sensação de insegurança e de instabilidade. Afinal, eles acabavam de perder as benesses proporcionadas pelo controle da máquina estatal e pelo poder oligárquico. Esses jovens entenderam que era preciso reagir àquela derrota. Para estes grupos, a Bahia estava sendo humilhada e a sua redenção seria o retorno daquela elite oligárquica ao poder, e nessa luta política, os jovens estudantes desempenharam um papel de destaque.

Discurso de “desumilhação da Bahia” foi criado pela Liga de Ação Social e Política e movida como uma arma política. Na prática, esse agrupamento visava expulsar os “invasores” que tomaram a Bahia em 1930.²

Durante esse contexto de crise, agrupamentos de diversas matrizes ideológicas se fizeram presentes e obtiveram a adesão de jovens estudantes baianos, além de operários e profissionais liberais, como o comunismo e o integralismo. Cada grupo, ao seu modo, interveio de diferentes formas no jogo político baiano, e em todos eles os estudantes desempenharam papéis de destaque, seja nas representações estudantis, como os centros acadêmicos, ou em alas jovens de partidos políticos. Vê-se que, de um jeito ou de outro, os jovens estudantes baianos optaram pela ação, fazendo ecoar suas aspirações e posições, especialmente através dos jornais, escrevendo ensaios e obras literárias, atuando na política partidária e em movimentos de rua.

Essa atuação só foi possível porque a cidade de Salvador possuía um circuito social para o exercício da vida intelectual e política. Havia uma tradição intelectual onde as posições de comando eram geralmente ocupadas por homens letrados, possuidores de boa oratória e de prestígio na Bahia, onde Ruy Barbosa figurava como modelo a ser seguido.

² Ver: SILVA, PAULO Santos. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930/1949)*. Salvador: EDUFBA, 2011; BATISTA, Eliana Evangelista. *Reações à Concentração Autonomista no interior da Bahia – 1932/1937*. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2013.

Partimos das análises de Antônio Luís de Machado Neto e a sua obra sociológica intitulada: *A Bahia Intelectual (1900-1930)* para analisar a atuação dos estudantes baianos, como veremos a seguir.³

Formação e vigência intelectual

Estudar em Salvador era o caminho esperado para os jovens oriundos de famílias abastadas do Estado. Numa cidade onde a ampla maioria da população não tinha acesso nem aos níveis básicos de ensino, aqueles que frequentavam ginásios e faculdades destacavam-se na multidão de iletrados.

A sociedade baiana depositava muitas expectativas em seus descendentes, afinal, muitos deles estavam destinados a herdar, além do capital, o prestígio político de suas famílias. Assim, estudar em Salvador era o caminho “natural” para aqueles que almejavam dar continuidade ao que seus antecessores construíram. Era comum a opção por uma carreira no serviço público, seja ocupando um cargo entre os quadros de funcionários do estado ou num cargo eletivo. Em ambos os casos, o caminho tinha início nas instituições educacionais. Nelas se adquiria a instrução formal necessária e, ao mesmo tempo, se poderia conseguir os contatos para o primeiro emprego. Ainda que esse caminho não fosse explícito, era um passo reconhecido para o sucesso individual.

³ O ensaio *A Bahia Intelectual (1900-1930)* é um desdobramento da tese de professor titular do Departamento de Sociologia da UFBA, intitulada *Estrutura Social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira – 1870-1930)*. MACHADO NETO, Antonio Luiz. *A Bahia Intelectual. (1900-1930)*. *Universitas*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. Nº 12/13, maio/dezembro de 1972. P. 261.

Sabe-se que cada grupo social cria para si uma ou mais camadas de intelectuais. Estes tem a função de dar-lhe homogeneidade e consciência nos campos social, econômico e político. Gramsci aponta dois planos superestruturais de atuação dos seus intelectuais: a sociedade civil e a sociedade política ou Estado. Os membros da *intelligentsia* atuam nesses planos com o objetivo de assegurar a execução das funções subalternas e à manutenção da hegemonia social.⁴

Na Bahia da década de 1930 não foi diferente, no entanto, a luta política em curso desviou muitos desses intelectuais de suas classes, fazendo-os membros de uma elite ideológica marginalizada, como os jovens estudantes que tornar-se-iam membros da ANL e intelectuais proeminentes do Partido Comunista nas décadas seguintes, mas que no período aqui estudado ainda frequentavam os bancos das faculdades baianas.

Os caminhos existentes para os estudantes baianos obterem sucesso político perpassava pelo engajamento em *grupos literários*, seguido de ingresso numa *agremiação política*, além da quase inerente atuação na *imprensa escrita*. Conclui-se que ser estudante oferecia ao aspirante à política a condição de despontar socialmente já como um intelectual sob um processo de aperfeiçoamento, condição que já lhe garantia acesso a alguns espaços importantes, como as redações dos jornais e revistas que circulavam na Bahia à época. Considerando que a Bahia ainda era um estado predominantemente rural e de população

⁴ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere. Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª edição. Civilização Brasileira.

analfabeta, estar na condição de estudante, especialmente do nível superior, conferia ao jovem prestígio e destaque na sociedade, o que certamente lhe garantiria acesso à carreira pública como funcionário estatal ou mesmo como profissional da política.

Não seria exagero afirmar que o sistema de prestígio que acometia a Bahia não havia mudado com o impacto da “Revolução de 1930”, como afirmou Machado Neto. Nesse sistema havia uma relação intrínseca entre ser intelectual e ser um profissional da política. Ter uma atuação no campo das letras garantia aceitação e inserção no campo da política. Essa estrutura afetava a todos e para os estudantes não poderia ser diferente, daí a importância em engajar-se num grupo literário. Este solidificava a solidariedade entre seus membros e ampliava a rede de contatos externa, como veremos a seguir.

Os grupos literários

Os grupos literários eram componentes fundamentais da Bahia intelectual. As reuniões literárias muitas vezes aconteciam nos cafés ou nos bares da cidade após as 22 horas, quando se iniciava a vida boêmia da cidade. Veremos à frente que as memórias de que viveu esse período guardaram alguns nomes, como o “Bahia Bar” ou o “Café das meninas”, localizados nos arredores das sedes dos jornais e das faculdades, no coração da Salvador de então.⁵

⁵ MACHADO NETO, Antonio Luiz. *A Bahia Intelectual. (1900-1930)*. Universitas. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. Nº 12/13, maio/dezembro de 1972.

Quando no exercício do poder, os membros de diversos agrupamentos literários davam preferência aos seus pares sempre que possível, especialmente quando se tratava de um concurso público ou uma vaga de emprego. Quando não podiam decidir diretamente, buscavam influenciar ao máximo em favor de seus confrades. Por outro lado, essa lógica também fomentava a inimizade e a perseguição entre membros de grupos diferentes.

Vê-se que a inserção num grupo literário se apresentava como um dos caminhos aos intelectuais baianos e com os jovens não era diferente. Participando de um grupo literário um jovem talentoso poderia rapidamente obter seu primeiro emprego, iniciando sua vida pública e literária. Âmbitos socialmente referendados e que atestavam o crescimento e a ascensão plena à vida adulta. Assim, o “moço” passava a ser considerado “homem” e poderia exigir o respeito como tal. Ao que parece, essa transição era amplamente desejada por significar também a chave para acesso a lugares e espaços reservados somente aos “homens feitos”. Ou ao que Jacob Gorender chamou de “vestir calças longas”, apontando que os jovens buscavam demonstrar maturidade muito cedo.

Importa lembrar que a obra de Jorge Amado, “O país do carnaval” retrata a atuação diária de um grupo literário na cidade de Salvador. Seus objetivos, relações com a política, reflexões filosóficas,

aliados, contatos, inimigos evidenciam posições e espaços ocupados no campo de forças intelectual da sociedade baiana.⁶

Atuação na imprensa

O jornalismo era um dos caminhos mais comuns à mocidade que aspirava obter prestígio na Bahia da década de 1930. Ao estudar a “Bahia Intelectual” pré-revolucionária, Machado Neto chega a colocar o jornalismo, de preferência literário ou de ideias, como uma das ocupações mais requisitadas pelos intelectuais. Para Consuelo Novais Sampaio, na Bahia do início da década de 1930, o jornalismo se apresentava quase como uma “antessala” de profissionalização política.

Das páginas dos jornais, os jovens intelectuais poderiam fazer suas ideias conhecidas e mesmo sair vencedores de alguma “polêmica” contra seus adversários, adquirindo assim ainda mais prestígio na sociedade baiana. Segundo a autora, 42% dos deputados da legislatura de 1935 dedicaram-se ao jornalismo.⁷

Vê-se que a atuação jornalística era amplamente desejada pelos homens de letras e muitos jovens estudantes fizeram carreira nessa área. Afinal, o jornalismo era uma forma de o neófito divulgar massivamente seu nome e suas ideias para apreciação do grande público e quem sabe colher o reconhecimento da comunidade intelectual baiana.

⁶ Amado, Jorge. *O País do Carnaval* (Posfácio de José Castello), São Paulo: Companhia Das Letras, 2011.

⁷ SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder e Representação. O Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937*. Editora Assembleia Legislativa da Bahia, 1992,

Importa lembrar que nas redações dos jornais circulavam jovens das mais variadas matizes políticas. Comunistas dividiram este espaço com liberais e até com integralistas, o que não significa que houvesse qualquer tipo de trégua ou de aliança, mas as linhas dos jornais eram tal modo valiosas que valia a pena dissimular sua adesão política em prol da publicação de suas ideias.

Gustavo Falcón demonstrou bem essa realidade no seu trabalho biográfico sobre o militante comunista Mário Alves. Falcón comparou habilmente e identificou as semelhanças entre as trajetórias de Wilson Lins, Luís Vianna e Mário Alves, em suas trajetórias políticas que foram impulsionadas pelo jornalismo. Apesar das opções ideológicas distintas em voga na Bahia, como veremos a seguir.⁸

Filiações ideológicas: pragmatismo ou rebeldia

À esquerda ou à direita, a sociedade baiana determinava os caminhos possíveis para a sua juventude. Na década de 1930, muitas vezes os caminhos e os espaços que levavam a ambos os lados eram muito semelhantes.

O estado da Bahia passava por uma recessão econômica oriunda da crise de 1929, que levou ao empobrecimento e endividamento do Estado. Até mesmo os grandes produtores de cacau sofreram, visto que sua principal mercadoria teve um desvalorização que chegou a 62% em cinco anos.

⁸ FALCÓN, Frederico. *Um caminho brasileiro para o socialismo. A trajetória política de Mário Alves (1923 – 1970)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História (PPGH), da Universidade Federal da Bahia, 2007.

Em 1932, o interventor Juracy Magalhães estabeleceu um corte de 37% nas despesas, agravando a recessão. Segundo Consuelo Novais Sampaio, a Bahia do início da década de 1930 era um estado descapitalizado e sob efeito de uma profunda crise econômica e social que acabou agravada com a instabilidade política e institucional ocasionada pela Revolução de 1930. Em outras palavras, o Estado em profunda crise e seus tradicionais dirigentes acabavam de ser afastados dos postos de comando.⁹

Esse era o cenário dos estudantes baianos após a Revolução de 1930: crise econômica e social, revoltas, como o “Quebra bondes”, em 1930; greves operárias; cortes no orçamento público; falta de saneamento básico e crescimento populacional negativo. Além de bruscas mudanças políticas e institucionais por conta da “Revolução”, a exemplo da deposição de Washington Luís e do vice-presidente baiano, Vital Soares. Os jornais noticiavam polêmicas, prisões e idas para o exílio de adversários do governo provisório. Nesse panorama, os estudantes levantaram-se e intervieram de tal modo que muitos desses quadros tornaram-se membros proeminentes de seus grupos políticos, seja à direita ou à esquerda.

Membros de origem social semelhante, muitas vezes não é possível identificar as razões de suas adesões políticas. Aquilo que Sabrina Loriga chamou de *pequeno x*, recuperando o conceito historiador alemão Yohan Gustav Droysen, em suas reflexões sobre

⁹ SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder e Representação. O Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937*. Editora Assembleia Legislativa da Bahia, 1992, p. 38.

biografia. Esse *pequeno x* simboliza as escolhas e a atuação humana frente às imposições e condições apresentadas pela sociedade.¹⁰

Apesar de todo peso e controle social, ao homem ainda é possível algum nível de escolha individual. Esse *pequeno x* é por demais relevante apesar de parecer minúsculo. A partir dele, pergunta-se: em qual momento os jovens decidem seguir esse ou aquele caminho político? Porque jovens baianos de mesma origem social por vezes optaram pelo comunismo, outros pelo liberalismo, outros pelo integralismo e outros pelo pragmatismo político? Uns, certamente escolhem caminhos por assim dizer mais fáceis, por serem livres de crítica e representarem aquilo que sua família e a sociedade deseja para eles. Por outro lado, a opção de ser da oposição por si já representa alguns problemas, mas a adesão ao comunismo e em alguns momentos, ao integralismo eram posições que representavam muitas vezes abrir mão de um berço de ouro, de um futuro de algum modo traçado a partir das tradições oligárquicas da Bahia. Era colocar por um fio toda uma rede de amizades familiares, aliados políticos de seus genitores, muitas vezes ser colocado no mesmo hall dos criminosos, em resumo, era assumir o risco de ser marginalizado, preso e até de perder a vida.

Os estudantes baianos e a revolução de 30

Segundo a matéria intitulada “As primeiras notícias da victoria da revolução, na Bahia”, publicada pelo jornal baiano Diário de Notícias (DN), no dia 25 de outubro de 1930, as informações chegadas

¹⁰ LORIGA, Sabrina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. *Cordis*. Dimensões do Regime Vargas, v. 2, São Paulo, n. 19, p. 230-251, jul./dez. 2017. ISSN 2176-4174.

sobre a vitória dos revolucionários foi recebida com cautela entre as autoridades, apesar de a população ter comemorado a vitória do movimento. O comércio de Salvador foi ocupado em festejo por operários, comerciários, funcionários públicos, profissionais liberais e, finalmente, pela “mocidade acadêmica”, portando suas bandeiras e saudando com “vivas” aquela alvissareira notícia.¹¹

No mesmo período, o então militante do Partido Comunista, Leôncio Basbaum estava de passagem por Salvador e relatou o desfile dos militares vitoriosos de lenço vermelho no pescoço e de populares, na Rua Chile, coração da cidade.¹²

Lembremos que parte da juventude baiana já estava a favor da Aliança Liberal quando da campanha presidencial de 1929. Naquele ano um agrupamento intitulado “Partido Universitário da Bahia” enviou um representante à caravana que realizava a campanha política em prol da candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República. Partido que tinha ligações com J.J. Seabra.¹³

Vê-se que o apoio à Revolução não se limitou ao momento de 1930. Um ano depois, comemorava-se a vitória do movimento nas instituições de ensino, com ampla programação artística e esportiva, como noticiou o DN de 23 de outubro de 1931.

¹¹ Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB). *Diário de Notícias*. 25/10/1930.

¹² BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 85.

¹³ CARVALHO, Philipe Murillo Santana de. *Trabalhadores, associativismo e política no sul da Bahia (Ilhéus e Itabuna, 1918-1934)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia, PPGH/UFBA. Salvador, 2015, p. 161.

Fato que evidencia a existência de setores da sociedade baiana que apoiaram a Aliança Liberal e a Revolução de 1930, apesar de entendermos que havia muito mais opositores ao governo provisório de Getúlio Vargas e à interventoria de Juracy Magalhães do que aliados, como foi o caso da LASP.

Não foi por acaso que poucos dias após a vitória da Revolução de 1930, os estudantes baianos já cobravam uma posição do novo governo frente aos problemas que acometiam a camada estudantil. Os jovens exigiam resposta do governo central frente ao cancelamento dos tradicionais exames de fim de ano. A matéria foi publicada no jornal DN, com o seguinte título: “Afim, haverá ou não exames, na próxima época?”. Apesar de o articulista tentar apaziguar o conteúdo da matéria, afirmando que a culpa era dos governos “decaídos”, que haviam fechado as escolas com o início da Revolução. No final da matéria, no entanto, o autor faz coro com os estudantes, afirmando que era urgente uma posição do Governo “[...] afim de orientar a mocidade das escolas”. Mocidade que demonstrava ser conhecedora de instrumentos de pressão, como os jornais.¹⁴

Observa-se que a juventude baiana foi o setor de onde saíram os quadros e agrupamentos políticos que fizeram oposição a Juracy Magalhães, principalmente aqueles que tinham ligações diretas com os chefes político desalojados do poder com a Revolução de 1930. Oposição que se aliou, apesar de suas diferenças políticas,

¹⁴ BPEB. *Diário da Bahia*, 23 de outubro de 1931.

principalmente após a Revolta Constitucionalista e a repressão ao movimento ocorrido na faculdade de medicina.

Os estudantes baianos e a Revolta Constitucionalista de 1932

No ano de 1932, eclodira a Revolta Constitucionalista em São Paulo, que durou de julho a outubro daquele ano. Apesar de sua derrota militar, o movimento precipitou o processo de reconstitucionalização do Brasil, consolidado em 1934.

Na Bahia, a ocupação da Faculdade de Medicina, na cidade de Salvador, em 22 de agosto de 1932, certamente foi o maior exemplo do apoio dos jovens baianos à causa paulista. O movimento que teve apoio de estudantes secundaristas e professores foi duramente reprimido pelo Interventor. Estudantes e professores foram agredidos e presos. Esse acabou sendo também um ataque à um tradicional setor da intelectualidade baiana.

O movimento teve início com uma greve dos estudantes do Ginásio da Bahia, em agosto de 1932. As notícias das agressões aos estudantes eram de conhecimento de professores e alunos da Faculdade de Medicina da Bahia. No dia 18 de agosto, os estudantes de medicina declararam-se simpáticos à Revolta Constitucionalista de São Paulo, acirrando os ânimos na Bahia, aproximando-se, também dos estudantes do Ginásio da Bahia.

No dia 22 de agosto, os estudantes ginásianos que reclamavam da perseguição policial empreendida por Juracy Magalhães - representante local do Governo Provisório chefiado por Getúlio Vargas

- resolveram refugiar-se no prédio da Faculdade de Medicina, dando acirrando ainda mais o conflito. O prédio foi sitiado e atacado com violência pela polícia que tinha o apoio dos bombeiros e da guarda civil. Houve disparos, feridos e uma morte quando estudantes da Faculdade de Medicina discursavam. À frente, estudantes resistiram mas renderam-se após ameaça de invasão informada pelas forças públicas de segurança. O saldo final a prisão de 514 estudantes e 7 professores.¹⁵

Esse acontecimento teve outros desdobramentos políticos devido a sua gravidade e repercussão na opinião pública. Segundo Consuelo Sampaio, esses episódios foram decisivos para a formação da Liga de Ação Social e Política (LASP), que era formada por jovens intelectuais, bacharéis e professores, das faculdades de medicina e de direito.

O agrupamento político tinha por mote “devolver à Bahia a posse de si mesma”, considerando que a nomeação de um cearense para a chefiado Estado havia “humilhado” os baianos. Afinal, o exílio e a morte privaram a formação de uma oposição com chefes políticos de prestígio.

Quando foram anunciadas as eleições de 1934, a ala jovem do extinto PRB, lançou um manifesto contra a ocupação da Bahia por “tropas estrangeiras”. Esses agrupamentos acabaram dando origem à Concentração Autonomista e à chapa “Governador Otavio Mangabeira” para disputa do pleito indireto ao governo do Estado.

¹⁵ Ronaldo Ribeiro, JACOBINA. *A FAMEB e a Revolução Constitucionalista de 1932: uma vitória da solidariedade contra a ditadura em 22 de Agosto de 1932*. Retirado de www.fameb.ufba.br/index.php?option=com_docman&task=doc...gid... Acesso em 31 de março de 2018.

Em todos esses casos fica evidente o protagonismo dos jovens na luta política baiana desse período. A repercussão da ocupação da Faculdade de Medicina causou repulsa e foi amplamente criticada nos jornais, especialmente por intelectuais jovens que escreviam para os jornais baianos.

A Aliança Nacional Libertadora e a juventude baiana

Segundo Consuelo Sampaio, a ANL entusiasmou os meios acadêmicos e proletários. No dia 30 de maio de 1935, a legenda foi oficialmente instalada na Bahia, em cerimônia no cine Jandaia, em Salvador. Segundo Consuelo Sampaio,

A ação da ANL se desenvolveu nas fábricas e sindicatos e em manifestações cívicas, congressos, reuniões etc. Nas Faculdade de Medicina e de Direito, os dois principais centros acadêmicos da Bahia, os estudantes movimentaram-se em torno das novas ideias que agitaram a atmosfera política, e fundaram núcleos integralistas e aliancistas.¹⁶

O prédio da Faculdade de Medicina passou a ser considerado o “baluarte contra o arbítrio”, após o 22 de agosto, quando do movimento de resistência e apoio à Revolta Constitucionalista. E esse foi um dos locais preferidos para as reuniões políticas dos aliancistas.

Uma das principais atividades dos jovens ligados à ANL foi a organização do 1º Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Popular da Bahia. Evento que foi anunciado em nota no jornal “O

¹⁶ SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder e Representação. O Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937*. Editora Assembleia Legislativa da Bahia, 1992, p. 108.

Imparcial”, de 18 de maio de 1935, infirmado que os interessados em aderir e participar do evento deveriam procurar a direção do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito.¹⁷

A comissão promotora do evento era formada pelos acadêmicos de direito Edison Carneiro e Aydano do Couto Ferraz. Quando da realização do congresso, houve choque entre aliancistas e integralistas. Não foi por acaso que estes planejavam executar a tiros esses e outros membros, como consta nos dossiês que a AIB fazia de seus adversários.¹⁸

A ANL foi fechada em 11 de julho de 1935. Segundo Sampaio, o envolvimento de parentes impediu Juracy Magalhães de reprimir o movimento na Bahia. No entanto, o grande envolvimento de jovens “bem nascidos” na ANL e a conjuntura política que se formou após a repressão de 1932 certamente contribuíram para a sua livre ação naquele contexto.

A Ação Integralista Brasileira (AIB)

No dia 13 de junho de 1933, foi fundado o núcleo provincial da AIB na Bahia, por acadêmicos. Ponto de partida à atuação dos integralistas nos sindicatos, fábricas, comícios, “horas de arte”, concentrações esportivas, exibição de filmas, publicações, etc.¹⁹

¹⁷ Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. *O Imparcial*. 18 de maio de 1935, p. 2. <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁸ NEGRO, Antônio Luigi; PRIMO, Jacira. A policia chegou e o povo sumiu. IN: *Estado Novo: as múltiplas faces de uma experiência autoritária*. Eduneb, 2008.

¹⁹ SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder e Representação. O Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937*. Editora Assembleia Legislativa da Bahia, 1992, p. 116.

Através dessas ações, a AIB cresceu rapidamente na Bahia, especialmente entre os jovens. Afinal, havia um foco nesse grupo social, com ações esportivas, exibição de filmes e horas de arte, como vimos no trecho citado.

Os jovens da AIB eram chamados de “plinianos”. Daí, o adepto poderia alçar a outros níveis. Um bom exemplo da ação dos jovens integralistas, os “plinianos” aconteceu também no cine Jandaia, no centro da cidade, quando a “pliniana” e “querida garotinha artista”, Zoraide Aranha organizou uma “Hora da Arte” em homenagem a Plínio Salgado e à realização do 1º Congresso Integralista da Bahia. Na primeira parte do evento realizar-se-iam a “Poesia Integralista”, com a participação de cinco poetas; na segunda parte estava proposto o “Canto Regional”, com samba, embolada, samba-canção e maracatus. Em seguida, uma nova primeira parte, com um total de nove declamações programadas.²⁰

Vê-se que a programação proposta era atraente para os jovens baianos. Poesia ao samba e a embolada, era essa uma das formas que os integralistas encontraram para converter jovens à sua causa. A AIB cresceu rapidamente na Bahia e Governador Juracy Magalhães ordenou o seu fechamento em 03 de setembro de 1936, considerando-os fora da lei.

²⁰ As fontes consultadas demonstram que Zoraide Aranha tinha destacada atuação nos campos teatral e poético. Tornou-se cantora também à época.

Considerações finais

Não era fruto do acaso que todos os agrupamentos políticos possuíam um setor para dialogar com os jovens estudantes. Liberais, aliancistas e integralistas tinham dimensão das contribuições da juventude em suas fileiras, afinal, os jovens que possuíam acesso aos bens culturais e canais de comunicação. Além disso, assumiam posições publicamente, corriam riscos, enfim, entregavam-se à causa que abraçavam, ainda que o ardor ideológico pudesse mudar com facilidade. De um modo geral, a posição dominante era de enfrentamento ao governo de Getúlio Vargas e ao seu correligionário na Bahia, Juracy Magalhães, mas, como vimos, houve casos de estudantes que defenderam a Aliança Liberal e o Governo provisório.

A impressão é que a juventude baiana realizou ações antecipando-se às deliberações dos agrupamentos políticos, estando verdadeiramente na vanguarda da luta política. Na prática, os jovens estudantes fizeram com que partidos e lideranças políticas muitas vezes ficassem à “reboque” de suas ações. Não por acaso, alguns dos quadros mais capazes, à esquerda e à direita, da política brasileira, iniciaram suas trajetórias na luta estudantil. Quadros que à frente estariam na liderança de importantes agrupamentos políticos e intervindo diretamente na vida política do país. Vê-se que o aprendizado na vida estudantil não se resume às salas de aula, ele se dá também nas ruas, na atuação política.

Referências

Bibliografia

AMADO, Jorge. *O país do carnaval* (Posfácio de José Castello), São Paulo: Companhia Das Letras, 2011.

BATISTA, Eliana Evangelista. *Reações à Concentração Autonomista no interior da Bahia – 1932/1937*. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2013.

Carvalho, Philipe Murillo Santana de. *Trabalhadores, associativismo e política no sul da Bahia (Ilhéus e Itabuna, 1918-1934)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia, PPGH/UFBA. Salvador, 2015.

FALCÓN, Frederico. *Um caminho brasileiro para o socialismo. A trajetória política de Mário Alves (1923 – 1970)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História (PPGH), da Universidade Federal da Bahia, 2007.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere. Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª edição. Civilização Brasileira. 2001.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *A FAMEB e a Revolução Constitucionalista de 1932: uma vitória da solidariedade contra a ditadura em 22 de Agosto de 1932*. www.fameb.ufba.br/index.php?option=com_docman&task=doc... gid...

LORIGA, Sabrina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MACHADO NETO, Antônio Luiz. *A Bahia Intelectual. (1900-1930)*. *Universitas*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. Nº 12/13, maio/dezembro de 1972.

NEGRO, Antônio Luigi; PRIMO, Jacira. *A polícia chegou e o povo sumiu*. In: *Estado Novo: as múltiplas faces de uma experiência autoritária*. Eduneb.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder e Representação. O Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937*. Editora Assembleia Legislativa da Bahia, 1992.

SILVA, PAULO Santos. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930/1949)*. Salvador: EDUFBA, 2011.

Fontes

Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB). *Diário da Bahia*, 23 de outubro de 1931.

BPEB. *Diário de Notícias*. 25 de outubro de 1930.

Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. *O Imparcial*. 18 de maio de 1935. <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 31 de março de 2018.

Recebido em 02 de abril de 2017; aprovado em 30 de novembro de 2017.